

M528i MELO, Mariana Conceição de.

A importância da extensão cultural : o caso do projeto Embarcando na
Leitura para a Ilha de Paquetá / Mariana Conceição de Melo – Rio de
Janeiro: [s.n.], 2010.

30f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)-
Universidade Federal do Rio de Janeiro, FACC, Rio de Janeiro, 2010.

Orientador: Professor Antonio José Barbosa de Oliveira.

1. Extensão cultural. 2. Mediação de leitura. 3. Práticas culturais. I.
Oliveira, Antonio José Barbosa de (Orient.). II. Universidade Federal do
Rio de Janeiro.FACC. III. Título.

CDD 374.012



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



Mariana Conceição de Melo

A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO CULTURAL: o caso do Projeto Embarcando na Leitura
para a Ilha de Paquetá

Rio de Janeiro
2010

Mariana Conceição de Melo

A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO CULTURAL: o caso do Projeto Embarcando na Leitura
para a Ilha de Paquetá

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão
de Unidades de Informação da Universidade Federal
do Rio de Janeiro como requisito para obtenção de
grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof^o Antônio José Barbosa de Oliveira
Coorientadora: Prof^a Maria Cristina Paiva

Rio de Janeiro
2010

Mariana Conceição de Melo

A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO CULTURAL: o caso do Projeto Embarcando na Leitura
para a Ilha de Paquetá

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de
Informação da Universidade Federal do Rio de
Janeiro como requisito à obtenção do grau de
Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado(a) em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Antonio José Barbosa de Oliveira – UFRJ
Mestre em História Comparada (IFCS/UFRJ) e Doutorando em Memória Social
(PPGMS/UNIRIO)
Orientador

Prof. Maria Cristina Paiva – UFRJ
Especialista em Mediação de Leitura
Coorientadora

Prof. Mariza Russo – UFRJ
Mestre em Ciência da Informação (UFRJ)
Professora convidada

MELO, Mariana Conceição de. **A importância da extensão cultural**: o caso do projeto Embarcando na Leitura para a Ilha de Paquetá. 2010. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)-Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Resumo

O presente trabalho enfoca a importância da extensão cultural na sociedade contemporânea para diversos tipos de organizações, especialmente a biblioteca. Além disso, faz um paralelo com a importância de novas práticas de leitura, a exemplo da mediação de leitura, que responde à necessidade de modernizar alguns hábitos instituídos que vão perdendo o significado frente às tecnologias de informação e comunicação. A sociabilidade aqui aparece como fator principal de mudança, adequação, sucesso e sobrevivência em um ambiente cada vez menos ligado a suportes físicos e ao individualismo da leitura. O projeto de extensão do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro “Embarcando na Leitura para a Ilha de Paquetá” se apresenta como uma possibilidade analítica para se perceber novas formas de como as unidades de informação podem se fazer presentes na sociedade, além de sua área circunscrita de atuação, mesclando ações de sociabilidade e leitura através da extensão cultural.

Palavras-chave: Extensão cultural. Mediação de leitura. Práticas culturais.

Dedico este trabalho aos meus pais, Fátima e Valter, que sempre me ajudaram e que sem os quais eu nunca teria chegado aonde cheguei.

Agradecimentos

Agradeço, antes de tudo, a Deus, pois é por meio Dele que obtive e continuo obtendo toda a força para realizar os sonhos que vêm direto de Seu coração para minha vida. É Dele também que vem toda a minha capacidade, sem a qual eu não poderia estar onde estou.

Agradeço aos meus pais, que sempre me incentivaram a desejar e alcançar meus sonhos, a estudar e me tornar uma pessoa melhor. Sem a ajuda incondicional deles tenho certeza de que não poderia ter chegado tão longe.

Agradeço a todos os meus amigos, especialmente aos da minha classe. A turma de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação do ano de 2007 foi como uma família nesses quatro anos, muitas vezes sendo o incentivo a continuar dando o meu melhor, a despeito de todas as adversidades. Nela encontrei alguns dos meus melhores amigos.

Agradeço ao meu orientador Antônio José Barbosa de Oliveira por esclarecer todos os pontos do meu trabalho e dar luz onde tudo parecia apenas um emaranhado de conceitos. Agradeço por ser um exemplo de profissional e acadêmico, em quem posso encontrar inspiração.

Por fim, meus agradecimentos também vão a todo o corpo docente deste Curso maravilhoso do qual fiz parte. Todos contribuíram de alguma forma para hoje eu ter certeza de ter feito a escolha certa.

*“... e assim descobriu a virtude paradoxal da
leitura, que consiste em fazer-nos abstrair do
mundo para lhe encontrarmos um sentido”
Pennac*

Sumário

1	Introdução	9
2	Objetivos	10
2.1	<i>Objetivo geral</i>	10
2.2	<i>Objetivos específicos</i>	10
3	Metodologia	11
4	Fundamentação teórica	12
4.1	<i>O conceito de cultura</i>	12
4.2	<i>Por um conceito de extensão</i>	14
4.3	<i>Sociabilização da leitura</i>	17
4.4	<i>Sobre a mediação de leitura</i>	20
4.5	<i>O Projeto “Embarcando na Leitura para a Ilha de Paquetá”</i>	22
5	Considerações	26
	Referências	27
	APÊNDICE – Registros e Fotos	28

1 Introdução

Com o passar do tempo, a sociedade confere a determinadas estruturas, em detrimento de outras, a importância de ser o insumo de seu desenvolvimento. Já passamos pela era da agricultura, em que a terra era motivo de disputas essenciais ao funcionamento da economia; e pela era industrial, durante a qual as fábricas ditavam o ritmo do desenvolvimento.

Por séculos, o projeto da Modernidade (entre os séculos XV e XVIII), que culminou com o Iluminismo, valeu-se da palavra impressa e, conseqüentemente, da leitura, como fatores imprescindíveis a uma visão de mundo mais ampla e “civilizada”. Hoje vivemos na Sociedade da Informação e tê-la é essencial para o indivíduo, pois este é o capital atual.

A educação é transformada de algo que antes era visto como impositivo e mecânico a algo que deve ser dinâmico e mais como uma troca entre educando e educador (desaparecendo, inclusive, a diferenciação dos dois papéis, uma vez que ambos aprendem). Neste contexto, se insere o trabalho no âmbito da extensão cultural, pois nela se encontram os preceitos de comunicação e interação, importantes para a sociedade atual que valoriza a educação como prática de liberdade, pensada agora de uma nova forma.

Para demonstração e defesa deste fato, neste trabalho lançou-se mão de diversos teóricos das áreas de educação, cultura e extensão universitária, buscando posicionar o projeto “Embarcando na Leitura para a Ilha de Paquetá”, do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), do qual fiz parte, como um objeto de estudo. Este projeto coloca em prática a questão da troca e comunicação de práticas e conhecimentos, sociabilização da leitura e educação extensionista, por meio da mediação de leitura.

Além disso, o projeto participa da formação de novos profissionais bibliotecários conscientes da dimensão social, política e cultural de sua atuação, passando a contribuir para a visão de uma Biblioteconomia mais humanista e partícipe da sociedade.

2 Objetivos

Os objetivos do presente trabalho são:

2.1 Objetivo geral

Analisar a importância da extensão cultural para a sociedade, salientando seu valor como possível *práxis* que pode levar as unidades de informação, dentre outros tipos de organização, a se fazerem presentes no contexto em que se inserem, a Sociedade da Informação, por meio de práticas de sociabilização da leitura, neste caso, especificamente, a mediação de leitura.

2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- a) a conscientização de novos profissionais bibliotecários mais atentos à sociedade e ao contexto em que atuam e às implicações que as tecnologias causam em seu trabalho, e na própria sociedade;
- b) descrever e estudar o caso do projeto de extensão universitária “Embarcando na leitura para a Ilha de Paquetá”, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);
- c) traçar paralelos entre os conceitos de sociabilização, cultura e formação identitária.

3 Metodologia

Para a realização deste trabalho, foi feita uma articulação entre textos teóricos que tratam das temáticas Extensão Cultural e Mediação de Leitura (com enfoque em conceitos como cultura, educação, identidade e leitura), com as ações desenvolvidas a partir projeto de extensão universitária “Embarcando na Leitura para a Ilha de Paquetá”, da UFRJ.

Esta metodologia pretendeu ser coincidente ao próprio conceito de *práxis*, importante para a Extensão, na medida em que torna indissociáveis as reflexões teóricas com as práticas, numa dimensão de retroalimentação constante entre ambas.

Finalmente, foi justificada a importância do projeto de extensão cultural, apresentando o mesmo como possível prática de posicionamento de unidades de informação no contexto em que se inserem, por meio de uma atividade que agrega cultura e sociabilização, ou seja, a mediação de leitura.

4 Fundamentação teórica

É preciso traçar o contexto em que se encontra cada palavra para delimitarmos um dos seus sentidos potenciais ou virtuais, como diria Pierre Guiraud (apud FREIRE, c1970). Desta forma, nesta seção, apresenta-se o contexto em que se inserem não apenas os termos que definem o trabalho, mas também o contexto em que ele se insere.

4.1 O conceito de cultura

O conceito de cultura passou por diversas transformações ao longo do tempo. Para analisar seu significado nos dias de hoje, optou-se por fazer uma análise histórica de seu sentido, passando por seu uso na França Iluminista do século XVIII, período em que sua evolução semântica foi decisiva para o uso que fazemos desta palavra hoje.

Cultura vem do latim *colere*, que é o “cuidado dispensado ao campo ou ao gado”, passando no século XIII a significar uma parcela da terra cultivada. No século XVI, ela passa a não significar mais estado (terra cultivada), mas ação, o ato de cultivar a terra, surgindo posteriormente seu novo sentido, o de trabalhar para desenvolver algo.

Neste sentido, podemos perceber, de acordo com Denys Cuche (2002, p.19) dois movimentos linguísticos que ajudam a noção de cultura se alargar: a metonímia (a cultura passa de estado à ação) e a metáfora (não só a terra pode ser cultivada, mas também o espírito). E é neste último movimento que observamos o conceito de cultura no século XVIII, que passa a adotar o sentido figurado de educação do espírito.

Logo depois, em movimento inverso, mas seguindo a idéia de cultura como educação, a palavra passa da ação ao estado novamente, significando estado do espírito instruído, fala-se daquele “que tem cultura”. Esse sentido vai se desenvolvendo até os dias de hoje, carregando uma forte idéia de cultura relacionada à civilidade.

Civilizar, para o francês do século XVIII, é arrancar a humanidade da ignorância e da irracionalidade, cultivando seu espírito, “culturalizando-a” a partir de um ideal de civilização. A cultura passa, então, a ser uma característica que se estende a outrem, conceito totalmente ligado ao de extensão cultural, que será explicitado posteriormente.

Para fins deste trabalho, considera-se cultura como “a criação coletiva de ideias, símbolos e valores” (CHAUÍ, 2000, p. 61). Dessa forma, podemos perceber também que cultura não é algo natural, mas fruto de convenções num período de tempo e espaço determinados. A cultura pode ser percebida como visão de mundo, como forma de se colocar nesse mundo e, como tal, pode-se perceber que ela é construída por meio do contato com o outro, da sociabilização.

Poderíamos pensar em, em vez de um círculo vicioso, um círculo virtuoso em que a socialização permite o compartilhamento de culturas que formam no indivíduo sua identidade que, por sua vez, vai influenciar a construção cultural e identitária, sua e de outro, na próxima vez em que se colocar em contato com outro indivíduo.

Perceber a formação cultural e da identidade de alguém a partir desse círculo é importante para quando pensamos em qualquer atividade de extensão cultural que, necessariamente, coloca as pessoas em contato com as outras para favorecer essas trocas.

Pensar a cultura é importante, pois é ela que dá uma certa coesão a um grupo social, pois é a partir dela que se emanam padrões culturais que dão segurança ao indivíduo e uma certa porção de previsibilidade à ação dos outros, o que lhe garante segurança. De acordo com Linton (1972, p.98), “essa previsão é um pré-requisito em todo tipo de vida social organizada (...) A existência dos padrões culturais lhe proporciona essa segurança, com seu fundamento na aprovação social e no poder consequente da pressão social sobre aqueles que não se lhes amoldam”. E, ainda, “a existência de padrões culturais é necessária tanto para o funcionamento de qualquer sociedade, como para sua conservação” (Ibid., p. 99).

Ainda precisamos perceber que, por mais que o indivíduo seja posto em contato com a cultura de um grupo diferente do seu, “ele permanecerá um organismo distinto, com necessidades próprias e

capacitado para pensar, sentir e agir com independência” (LINTON, 1972, p. 100), possuindo um grau de individualidade que não lhe pode ser tomado e que lhe garante segurança, uma âncora, em um mundo em que os padrões culturais mudam rapidamente.

Considera-se que é pelo compartilhamento de códigos culturais comuns que o ser humano constrói sua existência coletiva. Nesse sentido, a leitura se apresenta como poderoso instrumento para a transmissão desses códigos que possibilitam processos de identificação entre grupos e sociedades.

4.2 Por um conceito de extensão

O termo “extensão” possui uma ampla gama de significados, dependendo do contexto em que empregemos esta palavra. Ela pode significar, de acordo com Paulo Freire (c1970) comprimento, continuação, abrangência, alargamento etc. A que interessa a esse estudo é o de “ação de estender algo a”, nos levando, conseqüentemente, à conclusão de que tal fenômeno envolve, no mínimo, dois atores: *quem* estende e *a quem* se estende algo, sendo que o papel dos dois atores se inverte a todo tempo, pois quem estende deve, em outro momento, também receber algo estendido pelo outro, já que extensão também é troca.

Tomando como base a analogia à extensão agrária analisada por Paulo Freire (c1970, p. 20), podemos perceber que a extensão leva em conta o fator humano, ou seja, o extensionista não se dirige diretamente ao fenômeno, mas às pessoas envolvidas nele. Um extensionista agrário não interfere diretamente na natureza, mas leva seus conhecimentos ao camponês para que ele atue no fenômeno.

A extensão comunica conhecimentos e técnicas ao homem para ele melhorar o mundo, a realidade em que se encontra, transformando-o em um agente de mudanças. Além disso, devemos perceber e reconhecer a linha tênue entre extensão e dominação cultural, à medida que extensão pode significar ir a outra parte do mundo a fim de normalizá-la, substituir um conhecimento por outro (este do extensionista), como foi entendido por muito tempo.

Nesse sentido, a atividade extensionista é sempre relacional e dialógica: no encontro entre os diversos participantes cria-se uma rica possibilidade de convergências e trocas entre saberes e experiências vividas nos diversos contextos sociais. No caso da extensão universitária, consideramos que a interlocução entre os saberes teóricos e da experiência concreta dos diversos sujeitos traz à luz novas possibilidades de reflexões que retro-alimentam o próprio fazer acadêmico.

Portanto, para a extensão possuir um caráter verdadeiramente educativo (tomada esta como prática da Liberdade), precisamos entender que:

Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, c1970, p. 25)

Para que exista extensão com caráter educativo, precisa haver troca entre os atores. Isto também supõe que a atividade de extensão tenha uma função comunicativa e extramuros, como mostra Paulo Freire: um sujeito que está “atrás do muro” leva algo a quem se encontra “além do muro”.

A extensão cultural do século XXI, portanto, retira qualquer característica de dominação de seu escopo, idéia valorizada pelos iluministas em seu conceito de cultura, porém totalmente rechaçada hoje, de acordo com a visão libertária e comunicativa que a educação deve ter.

É importante também frisar que a inovação que o extensionista espera do grupo com que se relaciona só ocorrerá quando o indivíduo sentir necessidade da mesma, como mostra Linton:

Embora ele, geralmente, invente sob pressão, que compartilha com outros membros da sociedade, são as próprias necessidades que o levam à invenção. O primeiro homem que se embrulhou numa pele ou alimentou o fogo não o fez consciente da necessidade que tinha a sociedade dessas inovações, mas porque sentia frio. (LINTON, 1972, p. 101)

Daí que podemos concluir que o extensionista, ao se dirigir à condição humana do sujeito, e não ao fenômeno, sua ação só pode ser considerada satisfatória quando diz respeito a uma necessidade verdadeira por parte de quem recebe a extensão.

Um camponês que não precisa aprender como melhorar sua plantação não receberá a extensão e essa nada o acrescentará, senão ao extensionista, que aprenderá a estudar melhor aquele a quem se dirige. Da mesma forma, uma criança que recebe bem uma atividade de extensão cultural que envolve leitura, mostra que quer ler e ter contato com esse mundo. Isso, é claro, levando-se em conta de que a educação possui uma dimensão dialógica que permite troca de experiências que, por sua vez, devem levar a novas visões e possibilidades. O educador também deve despertar no outro seu interesse, ainda que este não perceba a importância, por exemplo, da leitura ou da educação para sua vida.

A extensão universitária, por sua vez, deve atender esses preceitos. De acordo com o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (2007, p. 17), “a extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade”.

Levando em conta o fator indispensável para a extensão, ou seja, a troca de saberes:

A extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade da elaboração da praxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados - acadêmico e popular, terá como consequência - a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; e a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade. (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO, 1988 apud FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2007, p. 12)

Nesse sentido, para os efeitos de projeto, consideramos Extensão como troca e comunicação de conhecimentos e práticas entre a Academia e os mais diversos setores da sociedade, em uma troca benéfica e enriquecedora para ambas as partes. A extensão se configura como uma rica possibilidade de articulação do ensino e da pesquisa como práticas socialmente responsáveis.

4.3 Sociabilização da leitura

Em meio a um tempo em que se professam o fim da biblioteca e até mesmo do livro como conhecemos, reforçar a importância dos dois é uma tarefa necessária que evidenciará que a cultura letrada, de qualquer forma, não morrerá e, portanto, as bibliotecas também não. De fato, o comportamento frente à busca da informação será (e já está sendo) diferente de como conhecemos há séculos.

Se antes precisávamos ir a um espaço físico para obter informação, hoje, à distância de um clique, podemos ter mais do que poderíamos ter em um mês de visita a esses lugares, conhecidos como bibliotecas, arquivos e museus. Evidentemente, nem toda obra impressa será substituída por sua forma eletrônica, mas, certamente, há um caminho para a substituição de boa parte.

Então, frente a isso, que papel a biblioteca deve assumir em uma sociedade que preza cada vez mais o digital, encontrando nele possibilidades antes inimagináveis? Teria ela condições de se manter viva e útil?

A resposta é que a biblioteca tem, sim, condições de se manter viva e útil, mas somente se houver uma conscientização de que suas atividades e forma de agir precisam se modificar e se adaptar às novas necessidades e formas de agir da sociedade. É preciso perceber oportunidades e, assim, adequar suas ações.

A biblioteca continuará sendo um centro de competência informacional aonde as pessoas irão para obter aprendizado sobre como aprender, onde conhecerão as novas técnicas que precisam ser dominadas em uma sociedade cada vez mais virtual, onde encontrarão a ligação entre o hoje e o ontem, onde poderão encontrar e reconhecer sua identidade.

Mas, talvez, a postura mais importante que a biblioteca deva assumir, a fim de sobreviver nesse ambiente, é a de se colocar como uma instituição que tem por objetivo “reconstruir ao redor do livro as sociabilidades que perdemos” (CHARTIER, 2002, p. 121). A prática da leitura se tornou,

através do tempo, cada vez mais silenciosa e privada, solitária. No contexto atual, diante das novas tecnologias eletrônicas que tendem ainda mais à individualização e à busca solitária pela informação, a biblioteca passaria a ser vista como um centro do qual emana sociabilidade, comunicação e, conseqüentemente, cultura.

Segundo Carvalho (2006) apud Souza (2007, p.6) a biblioteca “é considerada pólo de irradiação cultural de grande significação. Inerente à sua própria condição, tem o papel de motivar o leitor para o livro e a leitura.”

À crescente virtualização das relações, a biblioteca seria uma resposta que preserva e incentiva as relações humanas através do livro, em sua forma impressa ou eletrônica. As possibilidades de atuação neste sentido são muitas e exigem uma nova forma de agir, de olhar para si mesma e para a sociedade com mais cuidado.

A biblioteca precisa se abrir para o público de forma que este possa participar dela e transformá-la, e vice-versa. Daí a importância da extensão cultural, que possibilita justamente esta troca de conhecimentos, transformando os atores nela envolvidos. É necessário, portanto, que se abra um caminho de mão dupla entre eles. A sociabilização da leitura, através de atividades como a mediação de leitura, é uma das opções de ação.

Mas, principalmente, as bibliotecas e os mediadores de leitura devem se conscientizar que, a modelo da extensão verdadeiramente educativa, essa construção de laços sociais por meio da leitura deve seguir a mesma lógica de troca daquela. O leitor não deve ser visto como um “depósito” de palavras tiradas do texto ou apenas o consumidor final do serviço da biblioteca, mas como alguém que interage com ele levando consigo bagagens de uma vida inteira que, por sua vez, transformarão a leitura que faz de determinado objeto e que o receberá para satisfação de suas necessidades informacionais.

Leitura também é troca e precisa ser precedida pela leitura do mundo, que possibilitará essa troca, ou então a leitura será uma atividade desprazerosa, mecânica, fazendo a contramão do que as

bibliotecas, como centros vivos e dinâmicos, devem fazer, afinal, “o verbo ler não suporta o imperativo” (PENNAC, 1998, p. 13).

Mas qual é afinal a importância da leitura?

Paulo Freire, em seu texto “A importância do ato de ler”, faz uma pequena narrativa de sua infância, durante a qual tinha medo do escuro, por desconhecer o mundo em que vivia. Ele diz que “na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor percebia e entendia na ‘leitura’ que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo” (FREIRE, 1989, p. 16).

Ora, a leitura do mundo, e da palavra também, diminui os temores e as dúvidas à medida que aproxima o leitor da realidade, colocando-o em um ponto de vista superior, através do qual ele enxerga sua realidade escrita por outro, como um observador externo. Como alguém que traz uma bagagem cultural anterior a essa leitura, ele é capaz de modificar seu próprio mundo, em um processo interminável, que durará até o próximo ato de ler.

De acordo com Pereira (2007), o ato de ler é “um processo de compreensão, de entender o mundo a partir de uma característica particular do homem: sua capacidade de interação com o outro através das palavras, que por sua vez estão sempre submetidas a um contexto”, é algo complexo.

Essa aproximação por meio do distanciamento (o leitor se aproxima do entendimento da realidade à medida que a enxerga “de fora”, sob um novo ângulo que não somente o seu, mas também o do autor) é o princípio do pensamento racional. É o começo do fim do senso comum. Neste sentido, a leitura liberta, daí sua importância.

Tomando novamente a autora:

Ao permitir a interação entre os indivíduos, a leitura não pode ser compreendida apenas como a decodificação de símbolos gráficos, mas sim como a leitura do mundo, que deve ser constituída de sujeitos capazes de compreender o mundo e nele atuar como cidadãos. (PEREIRA, 2007)

A leitura, portanto, permite a exploração do mundo de um ponto de vista que envolve o outro, submetendo o leitor e autor a um contexto, levando o indivíduo a um nível de compreensão da realidade que ele não conhecia ou não tivesse dado conta de que existia.

Além dos benefícios mais comuns que a leitura traz, como aumento de vocabulário, estímulo à criatividade, domínio da escrita, aumentar o conhecimento geral e a perspectiva de aumento de sua renda (segundo a National Children's Reading Foundation, para crianças de 0 a 5 anos, cada ano ouvindo histórias e tendo contato com os livros significa um aumento de 50 mil dólares em sua futura renda), a leitura promove a formação de senso crítico sobre o mundo e a possibilidade de nele exercer a cidadania.

4.4 Sobre a mediação de leitura

De acordo com Chartier (1999, p.77):

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. (...) Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente- o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. (...) Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão.

Diante, portanto, desta abordagem, percebemos a relação que deve existir entre livro e leitor, uma ação em que este transforma o conteúdo daquele, de acordo com sua bagagem cultural e experiência de vida. A leitura deve ser viva e, para isso, é preciso que o leitor veja o livro não como um objeto estático, mas um objeto que guarda uma história que deve ser interpretada e modificada por quem o lê.

Além disso, as práticas de leitura se modificam com o tempo e devem ser vistas hoje como algo dinâmico que possibilita a interlocução entre pessoas, num processo de comunicação que transforma ambas as partes. Se há formas de leituras que levam o leitor ao silenciamento e isolamento, também há aquelas que promovem a sociabilidade e a troca entre os leitores. A leitura

hoje pode ter um caráter social e menos individualista. Nesse contexto de sociabilização da prática de leitura, elemento primeiro para a construção de identidades e valores compartilhados, insere-se a mediação de leitura.

A mediação de leitura é uma ação que pode ser definida como o ato de aproximar o livro do leitor, que encontra, no mediador, o facilitador dessa relação. Portanto, por excelência, um ato de sociabilização.

Os atores dessa sociabilização podem ser os mais diversos:

Os familiares, os professores, os bibliotecários, os escritores, os editores, os críticos literários, os jornalistas, os livreiros, os tradutores, os *webdesigners*, e até os amigos que nos emprestam um livro ou indicam um CD-ROM e uma página literária na Internet” (BORTOLIN, 2007, p. 1).

A família deveria ser o principal mediador, mas acaba relegando essa função à escola, que encontra nos professores e nos bibliotecários as pessoas perfeitas para exercerem essa tarefa.

Referindo-se ao papel do bibliotecário na nova conjuntura social, defendem Blattmann e Viapiana (2005) que:

Está na hora do profissional bibliotecário abraçar a sua profissão como uma ferramenta propulsora da era da informação, modificando positivamente o cenário de atuação profissional ao desenvolver ações leitoras e promover o acesso às fontes de informação para a coletividade.

Em duas pesquisas realizadas em 2003, uma em âmbito nacional, do Instituto Paulo Montenegro, chegou-se ao número de 72% de jovens analfabetos funcionais. A de âmbito internacional, feita pelo Programa Internacional para Avaliação de Estudantes (PISA), mostrou o Brasil em 37º lugar em letramento de leitura. Diante desses dados, criou-se o Programa Nacional do Livro Didático (PNDL), com módulos literários e o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), com campanhas como "Tempo de Leitura".

Percebe-se com esses números, a necessidade de se pensar a dimensão política do bibliotecário e sua responsabilidade social, fazendo com que, a partir da mudança de seu pensamento, mudem-se também as bibliotecas e seu posicionamento no meio em que atuam. A biblioteca, “como lugar onde a prática de leitura não esteja restrita à pesquisa e consulta, mas voltada para a satisfação de necessidades mais amplas do ser humano” (PEREIRA, 2007), passa, então, a ser vista como o centro de sociabilização de onde será criada intimidade entre o indivíduo e o livro, intimidade essa que passará pelo mediador e que, portanto, não se constituirá em uma atividade solitária, mas dotada de interação homem-mundo, logo verdadeiramente educativa para os padrões do que se deve ser uma extensão comunicativa.

A extensão que utiliza a mediação de leitura se mostra, portanto, algo verdadeiramente cultural e digno de atenção das bibliotecas que buscam se apresentar de uma maneira mais adequada às novas necessidades informacionais da sociedade.

4.5 O projeto “Embarcando na leitura para a Ilha de Paquetá”

O projeto de extensão universitária “Embarcando na leitura para a Ilha de Paquetá” nasceu no Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG) da UFRJ, tendo como objetivo consolidar a experiência da mediação de leitura, adquirida na disciplina Mediação de Leitura, oferecida pelo Curso.

Segundo Russo (2009, p. 3), “esta iniciativa viabiliza a formação dos graduandos como agentes de ampliação de oportunidades no acesso e utilização da leitura”, por meio do oferecimento de atividades de mediação de leitura no trajeto Rio de Janeiro – Paquetá, feito pelas embarcações da empresa Barcas S/A, e na Casa de Artes de Paquetá.

Para a realização das mediações, conta-se com o auxílio de 4 (quatro) alunos bolsistas e 1 (um) supervisor. Os primeiros realizam de fato a mediação, para o público infanto-juvenil, seja do morador da Ilha de Paquetá, seja para o veranista que visita o bairro.

Desde a formação do Curso de Biblioteconomia da UFRJ, pensou-se na problemática da falta de programas de incentivo à leitura em outros Cursos da área, o que motivou a coordenação do CBG a criar esse projeto, originado da idéia de quatro alunas e posteriormente estruturado pela coordenação do curso, contando com a interlocução, que acontece mesmo durante a execução do projeto, com instituições como Barcas S/A, Casa de Artes de Paquetá, Colônia de Pescadores de Paquetá e a Associação de Moradores do local.

A escolha pela Ilha de Paquetá surgiu da observação da Coordenadora do Projeto que, em suas viagens frequentes para a Ilha, percebia um número grande de crianças ociosas nas barcas e, por conhecer a realidade de Paquetá e estabelecer relações com os moradores do local, visualizou a pertinência de um projeto que incentivasse a leitura, promovendo um acesso ao livro infantil a crianças que não o tinham em suas vidas diárias.

Dessa forma, o Curso de Biblioteconomia da UFRJ realiza um projeto de extensão universitária, promovendo atividades de mediação de leitura ao público infanto-juvenil, configurando-se aqui como objeto de estudo de caso por ser um dos poucos projetos desse tipo originados de um curso de Biblioteconomia, que deveria ser o principal difusor dessa prática.

As atividades de mediação ocorrem sempre aos sábados, às 10h30min, pois se considerou, a partir de estudos, que nesses dias encontra-se o público alvo em melhores condições de receberem o Projeto: maior número de crianças (entre 04 e 11 anos) em tempo livre, o que as torna mais receptivas à ação.

A princípio pretendia-se realizar mediações de leituras nos trajetos de ida e volta das Barcas e na Biblioteca Pública de Paquetá, mas, por conta de obras nesta, ficaram as atividades sendo oferecidas apenas nas Barcas e, como alternativa, na Colônia de Pescadores da Ilha de Paquetá e na Casa de Artes de Paquetá.

No início do Projeto, a abordagem dos mediadores de leitura acontecia, individualmente, com a criança com quem se pretendia realizar a atividade. No entanto, ao percebermos que esse tipo de

abordagem intimidava a criança e que, partindo do preceito que a mediação de leitura deveria ser considerada em sua sociabilidade e interação com outros atores, passou-se a mediar em grupo.

Desta nova maneira, passamos a estender toalhas coloridas no chão, mais próximo à proa da barca, lugar onde se concentra o maior número de crianças durante o trajeto, de forma a sermos facilmente vistos por nosso público. A partir de então, o que antes era uma abordagem receosa, passou a ser totalmente pró-ativa, à medida que apenas nos posicionávamos e as crianças interessadas vinham ver “o que estava acontecendo”, tirando um pouco a aparência de coisa forçada e sem alternativas para a criança, que se sentia um pouco pressionada quando essa abordagem era individual. Como dito anteriormente, parafraseando Daniel Pennac, leitura não deve ser coisa forçada.

Quando as crianças se aproximavam, cada mediador ficava responsável por uma, começando de fato a mediação a partir da escolha do livro por ela. Muitas vezes, à medida que líamos para uma, outra que estava com outro mediador se interessava e passava a ouvir esta, outras vezes o próprio mediador envolvia um segundo mediador na leitura, tornado-a viva e vibrante para as crianças que estavam presentes ali. Não raro era o fato de ver crianças mediando a leitura para outras crianças.

Ao longo do Projeto e até hoje, percebeu-se uma grande receptividade por parte do público, o que nos forçou a refletir se é mesmo verdade que dizem que o brasileiro, e particularmente a criança e o jovem, não gostam de ler. A partir de observações pessoais e na prática, no momento em que ocorria a leitura, não apenas as crianças participavam, mas também os pais que, ou timidamente do seu lugar ou explicitamente indo sentar com as crianças no chão, acabavam prestando atenção na leitura e rindo das histórias engraçadas. Outras vezes, os próprios pais pegavam os livros em cima das toalhas e começavam a ler para os seus filhos, coisa que, segundo seus próprios depoimentos, não acontecia com frequência dentro de casa.

Tanto nas Barcas, quanto na Colônia de Pescadores e na Casa de Artes de Paquetá, podemos perceber também o retorno das crianças, sábado após sábado, para receberem novamente a mediação de leitura, indicando-nos um parâmetro para medir o êxito do Projeto. Recebemos

também as felicitações de pais e muitos outros passageiros que se contentavam em apenas observar as atividades com um mero sorriso no rosto, mostrando-nos que estávamos no caminho certo.

Ao término de cada atividade realizávamos, os mediadores e os professores acompanhantes do dia, um registro, para que posteriormente fossem analisados, fornecendo os pontos em que precisávamos melhorar, nossas percepções e reflexões acerca daquele dia específico. É importante a realização do registro para fins de avaliação, sendo esse registro escrito de forma totalmente livre, como se fosse um diário. Alguns trechos encontram-se no Apêndice, acompanhados de fotos do acervo iconográfico do Projeto.

Portanto, levando-se em conta os autores que defendem em teorias as maneiras mais adequadas de se fazer extensão cultural e universitária, bem como os da educação e os do incentivo à leitura, pôde-se perceber, na prática extensionista, a aplicação desses conceitos e o sucesso dos mesmos quando aplicados corretamente. O fato de priorizar a sociabilização e permitir a escolha do outro acerca da atividade proposta pela extensão foi muito bem percebida nos momentos de abordagem.

Da mesma forma, a necessidade de incentivar as crianças a ler e não esmorecer frente ao primeiro “não” à proposta da mediação de leitura se provou uma atitude essencial àqueles que fazem extensão universitária, seja qual for a atividade realizada na extensão. Por meio deste projeto, também se pôde perceber a importância da atuação do bibliotecário em outras frentes, em particular esta, a do incentivo à leitura. Sua formação e capacitação também passaram a ser pensadas como políticas aos olhos dos alunos mediadores, para os quais foi descortinada uma nova visão de sua prática profissional.

5 Considerações

Tendo em vista as novas necessidades que a sociedade apresenta, ou seja, maior interação a fim de possibilitar a interlocução e troca de saberes entre dois ou mais atores, em um processo simultâneo, os bibliotecários devem perceber suas possibilidades de atuação em meio a esse contexto.

Se antes a biblioteca era vista como uma caixa de livros aonde se ia para obter informação de forma individualizada, hoje ela deve atuar como propulsora de laços sociais, assumindo o papel de mediadora entre as pessoas. Neste sentido, os profissionais da informação podem encontrar suporte no conceito de extensão cultural, buscando se aproximar de seu público, mais aberto a ele e às transformações que podem emanar dele com relação a seu trabalho.

Quando a biblioteca se abre ao público, ela é transformada por ele, aprofundando seus vínculos e contribuindo para que haja um crescimento conjunto, das duas partes. A biblioteca, portanto, deve buscar uma sociabilização e, de acordo com a proposta deste trabalho, uma das formas é por meio da leitura, da mediação de leitura.

A mediação de leitura permite a criação desses laços entre pessoas que são transformadas umas pelas outras por meio do livro, conferindo ao hábito de leitura um caráter mais dinâmico e prazeroso. Ora, a importância da leitura surge justamente quando o leitor encontra sentido e, conseqüentemente, prazer quando se vê em contato com as informações contidas ali.

O Projeto “Embarcando na Leitura para a Ilha de Paquetá” apresenta todas essas características, além de estar presente na formação de futuros bibliotecários, que contarão com uma visão mais social e política de seu exercício profissional e, conseqüentemente, estarão mais preparados para transformarem suas atuações em algo melhor e mais humanista, fazendo com que as pessoas exerçam a cidadania pela renovação de suas próprias mentes e pensamento, hábito adquirido na leitura.

Referências

- BLATTMANN, Ursula; VIAPIANA, Noeli. Leitura como instrumento de cidadania. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005. **Anais eletrônicos...** Curitiba: [s.n.], 2005. 1 CD-ROM.
- BORTOLIN, Sueli. **O mediador de leitura**. 2007. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=302>. Acesso em: 06 maio 2010.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- _____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: EDUSC, 2002.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Extensão universitária: organização e sistematização**. Belo Horizonte: Coopmed, 2007. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/COOPMED/00_Abertura_COOPMED.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2010.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três textos que se completam**. 23.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- _____. **Extensão ou comunicação?** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, c1970.
- LINTON, Ralph. O indivíduo, a cultura e a sociedade. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. **Homem e sociedade: leituras básicas de Sociologia geral**. 7. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1972. p. 98-102.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- PEREIRA, Izaides. **A importância da leitura nas séries iniciais**. 2007. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/3046/1/A-Importancia-Da-Leitura-Nas-Series-Iniciais/pagina1.html>>. Acesso em: 09 out. 2010.
- RUSSO, Mariza. **Embarcando na leitura para a Ilha de Paquetá**. 2009. Projeto submetido e aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SOUZA, Leila. A importância da leitura para a formação de uma sociedade consciente. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA DA INFORMAÇÃO, 7., 2007, Salvador. **Proceedings...** São Paulo: [s.n.], 2007. p.1-11.

APÊNDICE – Registros e Fotos



“Procurei na mediação de hoje trabalhar com as mais de uma criança para aproveitar as habilidades e os conhecimentos e convertê-los em participantes ativos, em lugar de receptores passivos no processo de leitura. Ao ler, a criança é invadida por novas informações, emoções diferentes e pode querer se expressar, dizer o que pensou, o que sentiu.”



“É engraçado perceber como o ato de interagir com uma criança pode tornar o seu dia, um tanto cinza, num dia brilhante, cheio de vida. Senti-me assim enquanto mediava leitura, nos risos que dávamos juntos com as histórias, nos comentários inocentes ele fazia, até no chocolate que nós partilhamos.”



“ O uso das lonas foi uma ideia muito boa. Elas permitem unidade ao projeto, intercâmbio de livros, possibilidade de maior público, interação entre si dos mediadores e das crianças, proximidade de pais, etc. Adotar o uso das lonas foi uma importante opção da equipe.”



“É interessante como a mediação desperta alguma reação nas pessoas. E estas demonstram desde medo à grande admiração. Parece que sempre existe um adulto para perguntar de onde somos e o que exatamente estamos fazendo ali. E tenho a impressão de que sempre somos fotografados.”



“Durante toda a viagem as crianças ficaram intercambiando de mediador, o que proporcionou maior dinamismo no trabalho e nos permitiu interagir com todas as crianças ali presentes.”



“Ao final, percebemos que não vimos a viagem passar. Já estávamos na Praça XV! Estivemos longe no mundo da leitura.”